

# Funaro, em Tóquio, poderá obter ajuda dos bancos ao Brasil



**Dilson Funaro**

Tóquio — Uma fonte da comunidade bancária do Japão ouvida pela agência UPI revelou que os bancos japoneses poderão vir a dar algum tipo de ajuda ao Brasil. O ministro da Fazenda, Dilson Funaro, e o presidente do Banco Central, Francisco Gross, se encontram em Tóquio e vão se reunir hoje com o ministro das Finanças, Kiichi Miyazawa, e o chanceler, Tadashi Kuranari.

Amanhã, Funaro terá um encontro com as lideranças da comunidade bancária japonesa que já manifestaram sua preocupação com a suspensão dos

pagamentos dos juros da dívida pelo Brasil por temerem que esta atitude seja imitada por outros países. De acordo com fontes bancárias, cerca de 20 bancos japoneses têm empréstimos no total de US\$ 10,7 bilhões ao Brasil.

Na semana passada, a imprensa japonesa noticiou com insistência que os 28 maiores bancos japoneses acertaram a criação de uma firma nas Ilhas Cayman, no Caribe, da qual seriam os únicos sócios, para absorver todas as dívidas de maior risco do Terceiro Mundo contraídas no Japão.

A firma que existiria apenas no papel vai comprar os títulos de resgate destas dívidas — principalmente do México, Argentina e Brasil — e passaria a ser a única credora destes débitos. Os bancos japoneses se tornarão apenas acionistas de uma firma multicredora de algumas das maiores dívidas, reduzindo seu próprio risco enquanto empresa.

## “Joaquinzão”

O presidente da Confederação Geral dos Trabalhadores (CGT), Joaquim dos Santos Andrade, o Joquinzão, disse em Madri em entrevista à revista *Unión*, da central socialista UGT (União Geral dos Trabalhadores), que a dívida externa do Brasil não pode ser paga.

O sindicalista aplaudiu a decisão do governo brasileiro de suspender o pagamento dos juros da dívida, observando que, somente em 1987, o equivalente a 11,6% do PIB brasileiro, num total de US\$ 22 bilhões, seriam destinados ao resgate de parte da dívida.

— O Fundo Monetário Internacional pode queixar-se e até criar dificuldades ou adotar represálias contra o Brasil, mas existem outros compradores para nossos produtos: a Comunidade Econômica Européia, os países do Oriente Médio ou do Leste Europeu, com os quais poderíamos comercializar em condições mais vantajosas — disse Joquinzão.